

# Interface sintaxe-fonologia nos domínios acima do grupo clítico

Celda Morgado Choupina(\*)

celda@ese.ipp.pt

*Escola Superior de Educação – IPP*

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto  
(Portugal)*

Carla Guedes(\*\*)

carlaffg@gmail.com

*Escola EB 2,3 da Madalena*

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto  
(Portugal)*

**RESUMO.** O presente artigo desenvolve-se no quadro da fonologia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986). Pretende-se mostrar a relevância da interface que se pode estabelecer entre a fonologia prosódica e a sintaxe, dando cumprimento a três objectivos: (i) reflectir sobre os constituintes prosódicos: sintagma fonológico, sintagma prosódico e enunciado fonológico; (ii) verificar a aplicação de regras em línguas recursivas à direita; e (iii) concluir que estes constituintes e os constituintes sintácticos não são isomórficos, embora actuem em estreita ligação com eles. Analisar-se-ão exemplos de várias línguas recursivas à direita, assumindo que existem, acima da sílaba, constituintes fonológicos que, de alguma forma, entram em interacção com a semântica, a sintaxe, a pragmática e a própria fonologia.

**PALAVRAS-CHAVE.** Fonologia; Prosódia; interface sintaxe-fonologia; não-isomorfismo entre constituintes sintácticos e fonológicos.

**ABSTRACT.** The present article was developed after the proposal of Nespor & Vogel (1996) about prosodic phonology. We aim to show the relevance of the interface between prosodic phonology and syntax by exploring three main objectives: (i) to reflect over the prosodic constituents: phonologic phrase, intonational phrase and phonologic utterance; (ii) to attest the application of rules in right recursive languages; and (iii) to conclude that these constituents and the syntactic ones are not isomorphic, although they keep a close relation between them. We analyse several examples in different right recursive languages, assuming that, above the syllable, there are phonologic constituents that, in some way, interact with semantics, syntax, pragmatics and phonology itself.

**KEY-WORDS.** Phonology; prosodic; syntax-phonology interface; nonisomorphism between syntactic and phonologic constituents.

---

\* Estudante do 2º ano do 3º Ciclo de Estudos – Curso de Doutoramento em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

\*\* Estudante do 2º ano do 3º Ciclo de Estudos – Curso de Doutoramento em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## 1 - Introdução

O presente artigo desenvolve-se no quadro da fonologia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986). É nossa intenção mostrar a relevância da interface que se pode estabelecer entre a fonologia prosódica e a sintaxe e cumprir três objectivos: (i) reflectir sobre os constituintes prosódicos acima do grupo clítico, propostos por Nespor & Vogel (1986), a saber, sintagma fonológico, sintagma prosódico e enunciado fonológico; (ii) verificar a aplicação de regras nos seus domínios, nomeadamente em línguas recursivas à direita; e, finalmente, (iii) concluir que estes constituintes e os constituintes sintácticos não são isomórficos, embora actuem em estreita ligação com eles.

O estudo encontra-se dividido em cinco partes. Iniciaremos com uma breve abordagem à teoria e aos conceitos por ela introduzidos: constituintes prosódicos acima do grupo clítico, no âmbito da interface sintaxe-fonologia prosódica. Em seguida, no ponto 3., analisaremos os referidos constituintes à luz da teoria proposta, em línguas recursivas à direita, e no ponto 4. faremos uma síntese dos argumentos a favor da teoria do não-isomorfismo entre constituintes sintácticos e prosódicos. Finalmente, terminaremos com algumas considerações sobre a teoria proposta e a sua aplicabilidade à diversidade das línguas.

## 2 - Fonologia e Prosódia: enquadramento teórico

A proposta de Nespor & Vogel (1986), em *Prosodic Phonology*, surge da evidência de que a produção de uma palavra isolada tem uma enunciação característica. No entanto, a enunciação de uma frase, enquanto sequência de palavras, não é um mero encadear dessas enunciações isoladas, isto é, a realização fonética de uma frase é uma junção da representação fonológica de superfície da frase. Há autores que defendem que esta representação fonológica estabelece relações de interface com a sintaxe, isto significa que, de algum modo, a representação sintáctica pode influenciar a representação fonológica e isso permite perceber por que é que a fonologia da frase não é simplesmente a fonologia de palavras individuais juntas. Muitas vezes, ao mesmo conjunto de palavras estão subjacentes diferentes estruturas sintácticas, o que se reflecte nas suas enunciações distintas. Vejam-se a este propósito os exemplos (1) e (2).

(1) Foi embora? Não, está aqui!

(2) Foi embora! Não está aqui.

Estes efeitos da sintaxe sobre a fonologia têm vindo a ser estudados, mas também é possível a influência contrária e termos princípios fonológicos que restringem o número de representações sintácticas aceitáveis na interface. Por outro lado, a sintaxe de uma frase pode

colidir ocasionalmente com a sua organização em estruturas fonológicas, embora os constituintes fonológicos e os constituintes sintáticos não sejam isomórficos, como veremos mais à frente. Foi com Nespôr & Vogel (1986) que se passou a considerar que a premissa principal da Fonologia Prosódica é a divisão da fala em domínios e a sua organização hierárquica. Assim, uma estrutura prosódica bem formada é uma árvore ramificada. Os seus constituintes pertencem a categorias prosódicas distintas, organizadas numa hierarquia prosódica em camadas, de tal forma que um constituinte num nível mais elevado domina apenas os constituintes imediatamente abaixo de si na hierarquia, como se pode verificar na figura 1.

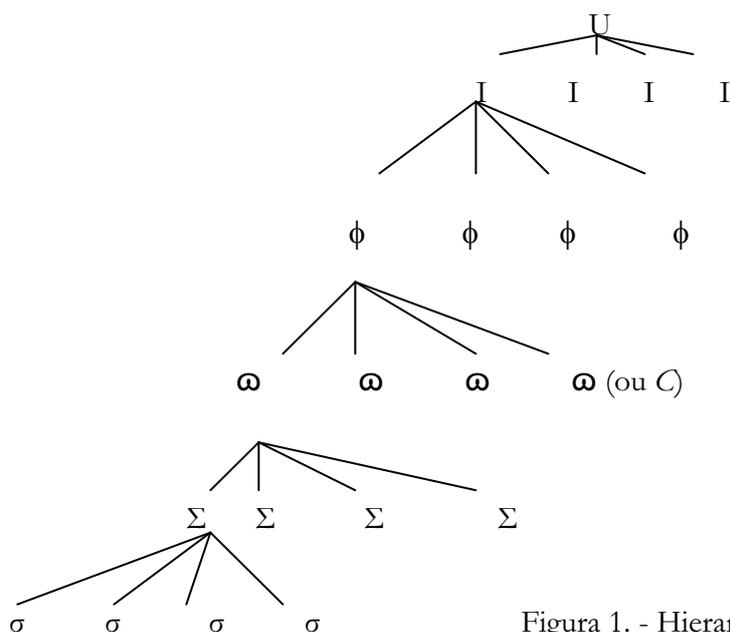


Figura 1. - Hierarquia Prosódica - Estrutura n-ária  
(Adaptado de Nespôr & Vogel 1986: 8 e ss.)

O menor constituinte da hierarquia é a sílaba ( $\sigma$ ), que combina dois ou mais segmentos em torno de um pico de sonoridade. É a categoria basilar da hierarquia prosódica. A combinação de duas ou mais sílabas forma o pé métrico ( $\Sigma$ ), em que se estabelece uma relação de dominância de uma sílaba forte ( $s$ ) em relação às outras fracas ( $w$ ). O constituinte acima é o nível em que se faz a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática, a palavra prosódica (ou fonológica) ( $\omega$ ). Entende-se que temos uma palavra fonológica quando todos os pés de uma determinada cadeia se agrupam, isto é, as sílabas de um único pé pertencem sempre à mesma palavra fonológica, com um acento.<sup>1</sup> Na fonologia, os clíticos são não raras vezes problemáticos por apresentarem uma natureza híbrida. Assim, muitas vezes, considera-se que pertencem à

<sup>1</sup> Autores há que advogam a necessidade da noção mora, situada ente a sílaba e o pé, como a unidade de som que determina o peso silábico (que por sua vez determina o acento tónico e a tipologia rítmica) em algumas línguas. O termo significa "período de tempo". Uma sílaba com uma mora é chamada monomoraica e é considerada uma sílaba leve, e uma com duas moras é chamada de bimoraica e é pesada.

palavra fonológica, sendo encarados como semelhantes aos afixos; outras vezes como pertencendo ao sintagma fonológico, sendo neste caso tratados como palavras independentes. Nespor & Vogel (1986) defendem que nem sempre podemos forçar os clíticos a entrar em qualquer uma destas categorias, pois o seu comportamento é, por vezes, diferente tanto dos afixos como das palavras fonológicas, isto é, existem fenómenos fonológicos que são característicos apenas do grupo clítico (C) que consiste numa palavra mais um clítico. O Sintagma Fonológico ( $\phi$ ) é o constituinte que fica acima do grupo clítico, isto é, será o constituinte que agrupa um ou mais grupos clíticos. O sintagma entoacional (I) é a unidade seguinte na hierarquia prosódica e agrupa um ou mais  $\phi$ s, com base em informação sintáctica e semântica, bem como factores de performance. Finalmente, o Enunciado Fonológico (U) é o último e maior constituinte da hierarquia e consiste em um ou mais *Is* agrupados, isto é, consiste “naqueles *Is* que são dominados pelo mesmo nó  $X^n$  na árvore sintáctica.” (Nespor & Vogel 1986). No entanto, uma cadeia de sintagmas entoacionais pode, ou não, ser dominada por um único  $X^n$  ou unidade fonológica.

De acordo com as autoras citadas, há quatro princípios que regulam a hierarquia prosódica: (i) uma dada unidade não terminal da hierarquia prosódica,  $X^p$  é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa,  $X^{p-1}$ ; (ii) uma unidade de um dado nível da hierarquia está exaustivamente contida na unidade imediatamente superior da qual ela faz parte; (iii) as estruturas hierárquicas da Fonologia Prosódica são *n*-árias, e (iv) a relação de proeminência relativa definida entre nós-irmãos é tal que a um só nó é atribuído o valor forte (*s*) e a todos os outros nós é atribuído o valor fraco (*w*). (Nespor & Vogel 1986: 7).

A nossa atenção, neste momento, voltou-se para os constituintes que envolvem interface com outros componentes da gramática, nomeadamente, e tal como o título do trabalho expressa, os que interagem com a sintaxe: sintagma fonológico, sintagma entoacional e enunciado fonológico.

No que se refere à interface da fonologia com outras áreas da gramática, as relações com a sintaxe e o grau de intimidade entre os constituintes sintácticos e os fonológicos podem ser agrupados em três visões teóricas, a saber, dissociacionista radical (Bolinger 1989); dissociacionista moderada (Selkirk 1984; 1985; Nespor & Vogel 1986; 1989); associacionista (Lieberman & Prince 1977). A corrente dissociacionista radical nega categoricamente qualquer vínculo entre a sintaxe e a prosódia. Segundo Bolinger (1989), a sintaxe precede e é independente da entoação, que se junta àquela posteriormente, numa fase pós-lexical. A corrente dissociacionista moderada considera que os dois níveis organizam o material linguístico de modo

autónomo, embora não se rejeite a ideia de que os constituintes, embora não-isomórficos, poderão ocasionalmente coincidir nos dois níveis. A prosódia é, então, tida como independente, mas com interface com a sintaxe. Finalmente, a corrente associacionista concebe uma ligação total entre a sintaxe e a prosódia. Neste sentido, Liberman & Prince (1977) consideram que a árvore métrica reflecte a constituição sintáctica, isto é, a componente prosódica é gerada a partir da sintaxe, sendo sempre redundante e auxiliar da configuração sintáctica.

Tendo por base as considerações feitas, debruçar-nos-emos agora sobre a descrição teórica dos constituintes entre o grupo clítico e o enunciado prosódico.

### *3 - Constituintes fonológicos entre o grupo clítico e o enunciado prosódico*

À luz de Nespor & Vogel (1986) procurar-se-á mostrar que os constituintes sintácticos não são os domínios preferenciais de aplicação de regras fonológicas, na medida em que actuam factores não estruturais, como o comprimento da cadeia, pausas e a velocidade do discurso, entre outros, relevantes na fonologia e indiferentes do ponto de vista sintáctico. Neste sentido, deve ficar claro, da análise dos dados aqui apresentados, que os constituintes fonológicos e os constituintes sintácticos não são isomórficos.

#### *3.1 - Sintagma fonológico ( $\phi$ )*

A formação do sintagma fonológico baseia-se em “noções sintácticas muito gerais, como cabeça lexical (Lex), projecção máxima de cabeça lexical (Lex<sup>max</sup>) e lado recursivo.” (Frota & Vigário 2003: 1066, seguindo Nespor & Vogel 1986). A cabeça lexical é um núcleo lexical, e nunca um funcional<sup>2</sup>, de sintagmas sintácticos, sendo que nomes e verbos e alguns adjectivos e advérbios podem funcionar como cabeças. Os adjectivos e os advérbios não contam como cabeça lexical se ocorrerem no lado não-recursivo de uma cabeça lex e forem dominados pela projecção máxima dessa cabeça, como *boa* em (3 b.). A projecção máxima da cabeça lexical contém o núcleo de cabeça e todos os elementos que se encontram no lado não-recursivo, dentro da mesma projecção max, embora possa conter maximamente o núcleo de cabeça, todos os elementos que se encontram no lado não-recursivo e o primeiro complemento da cabeça, desde que não ramificado e não proeminente<sup>3</sup>, como *luso* em (3 c.). O lado recursivo de uma língua é definido pela ordem em que cabeças e seus complementos se encontram nas frases, sendo o

---

<sup>2</sup> Neste sentido, as preposições, os determinantes, os quantificadores e as conjunções ficam excluídas da possibilidade de desempenharem a função de cabeças de sintagma fonológico.

<sup>3</sup> No dizer de Frota & Vigário (2001:), um constituinte é ramificado quando é “constituído por mais material do que o constituinte fonológico do tipo relevante); e um constituinte proeminente cria acento de foco e torna-se igualmente pesado, impedindo a sua reestruturação e integração no  $\Phi$  imediatamente anterior.

português, o inglês, o francês, o italiano, entre outras, línguas de ordem cabeça-complemento, isto é, recursivas à direita.

- (3) a. [...N [A]<sub>AP</sub>]<sub>SN</sub> SV  
 b. [O café] (ϕ) [luso] (ϕ) contém cevada de boa qualidade.  
 c. [o café luso] (ϕ) contém...  
 d. [o café] (ϕ) [LUSO] (ϕ) contém... (ex.: (16) de Frota & Vigário 2003)

Segundo Mateus (2004: 19), o sintagma fonológico, em línguas como o português europeu, constitui um “domínio fraco”, uma vez que “a sua identificação é pouco evidente”<sup>4</sup>. No sentido de tornar a identificação dos limites deste constituinte mais objectiva e partindo da regra de formação de ϕ apresentada em Nespor & Vogel (1986: 168), podemos seguir alguns passos: (i) identificar possíveis cabeças lexicais (N, V, Adj. e Adv.); (ii) verificar se adjectivo ou advérbio se encontram do lado não-recursivo. Se sim, podemos encontrar duas situações: a) forma ϕ coma cabeça adjacente à direita; b) obriga à criação de outro constituinte desde que não dominado pela mesma projecção máxima; (iii) verificar se existem complementos da cabeça. Se existem, e se o primeiro complemento não é pesado (fonologicamente ramificado ou portador de propriedades de proeminência) pode ser integrado na projecção da cabeça lexical que complementa. As considerações enunciadas ilustram-se de (4) a (6).

- (4) a. A Maria faz a limpeza.  
 b. [a Maria] ϕ [faz a limpeza] ϕ  
 c. [a Maria] ϕ [faz] ϕ [a LIMPEZA] ϕ  
 (5) a. A Maria faz a limpeza geral.  
 b. [a Maria] ϕ [faz] ϕ [a limpeza geral] ϕ  
 (6) a. A Maria faz a limpeza geral muito pormenorizada.  
 b. [a Maria] ϕ [faz] ϕ [a limpeza geral] ϕ [muito pormenorizada] ϕ

### 3.1.1 - Sintagma fonológico em Italiano

Uma das regras que opera no domínio do sintagma fonológico em Italiano é o Raddoppiamento Sintattico (RS). Todos os exemplos aqui trabalhados são apresentados por Nespor & Vogel (1986), para o Italiano de Florença.

O RS aplica-se em sequências de duas  $\omega$  para alongar a consoante da  $\omega_2$  se: (i) essa consoante for seguida por uma soante, especificamente uma vogal ou outra soante não-nasal; (ii)

---

<sup>4</sup> Devemos dizer que concordamos com esta afirmação, pois, por um lado, as propostas de Nespor & Vogel (1986) não têm aplicação directa em todas as línguas, nomeadamente ao Português. Por outro, a definição e/ou delimitação de constituintes prosódicos pode ser, muitas vezes, fluida, inconsistente, e mesmo subjectiva.

e se a  $\omega_1$  terminar em vogal onde recai o acento principal da  $\omega$ . Vejam-se estas condições nos exemplos (7) e (8).

(7) La scimmia aveva appena mangiato metà [b:]anana.

(8) Il gorilla aveva appena mangiato quáttro [b]anane. (Nespor & Vogel 1986: 38)

Duas das questões a que as autoras tentaram responder foram: Qual o maior domínio de aplicação de RS? e Quais os contextos onde RS se aplica? O RS não se aplica entre quaisquer duas palavras que satisfaçam as especificações referidas.

Isto pode ser visto em (9) e (10), onde em ambas as frases existe uma sequência de palavras idênticas *Perché Carlo*, e, ainda assim, RS aplica-se no primeiro mas não no segundo exemplo.

(9) Perché Carlo non é venuto? → Perché [k:]arlo...

(10) Che c'è un perché Carlo lo sa. → ... perché [k]arlo...

(Nespor & Vogel 1986: 166)

Napoli & Nespor (1979) propuseram dar conta do domínio de aplicação da RS em termos sintáticos dentro do panorama generativo. No entanto, foi apresentada uma proposta apenas para a definição de contextos onde o RS é permitido. Os autores, não se fizeram previsões explícitas sobre quando o RS se aplicaria verdadeiramente.

No capítulo 6 de *Prosodic Phonology*, Nespor & Vogel (1986) abordam a última questão: os contextos nos quais o RS verdadeiramente se aplica e aqueles em que não se aplica. Vejam-se os exemplos (11) e (12)<sup>5</sup>, das autoras.

(11)

a. Avrá\_\_ trovato il pescecane.

b. [Avrá\_\_ trovato]  $\phi$  [il pescecane]  $\phi$

(Ele teve que ter encontrado o tubarão.)

c. La gabbia é \_\_giá\_\_ caduta.

d. [La gabbia]  $\phi$  [é \_\_giá\_\_ caduta]  $\phi$

(A gaióvotã já caiu.)

e. È appena passato com tre\_\_ cani.

f. [È appena passato]  $\phi$  [com tre\_\_ cani]  $\phi$

(Ele acabou de passar com três cães.)

g. Era venuto com tre\_\_piccoli cobra.

h. [Era venuto]  $\phi$  [com tre\_\_piccoli cobra]  $\phi$

(Ele veio com três pequenas cobras.)

i. Il tuo pappagallo é\_\_piú\_\_ loquace del mio.

---

<sup>5</sup> Tradução nossa.

j. [Il tuo pappagallo]  $\phi$  [é\_piú\_loquace]  $\phi$  [del mio]  
(O teu papagaio é mais falador do que o meu.)

(12)

- a. Devi comprare delle mappe di città//molto vecchie.  
b. [Devi comprare]  $\phi$  [delle mappe]  $\phi$  [di città]  $\phi$  // [molto vecchie]  $\phi$   
(Deves comprar alguns mapas da cidade muito velhos)  
c. La gabbia era dipinta di già//completamente.  
d. [La gabbia]  $\phi$  [era dipinta]  $\phi$  [di già]  $\phi$  // [completamente]  $\phi$   
(A gaiola já estava completamente pintada.)  
e. Ne aveva soltando tre//di bassotti.  
f. [Ne aveva soltando tre]  $\phi$  // [di bassotti]  $\phi$   
(Ele só tinha três...)  
g. L'entrata allo zoo costa di piú//per i turisti che per i locali.  
h. [L'entrata]  $\phi$  [allo zoo]  $\phi$  [costa di piú]  $\phi$  // [per i turisti]  $\phi$  [che per i locali]  $\phi$ .  
(A entrada para o zoo é mais cara para turistas do que para locais.)  
i. Guardo//piú attentamente e vide che era un pitone.  
j. [Guardo]  $\phi$  // [piú attentamente]  $\phi$  [e vide]  $\phi$  [che era un pitone]  $\phi$ .  
(Ele olhou com mais cuidado e viu que era uma pitão.”

Analisados os exemplos anteriores, as autoras concluíram então que os contextos onde o RS se aplica são os seguintes: (i) entre um auxiliar e um verbo (11a.); (ii) entre um auxiliar e um advérbio (pré-verbal) (11b.); (iii) entre um quantificador e um nome (11c.); (iv) entre um quantificador e um adjectivo (11d.); (v) entre um verbo copulativo e um advérbio comparativo *piú*; (vi) e entre *piú* e um adjectivo (11e.). e os contextos onde o RS não se aplica são: (i) entre um SN e um SA (12a); (ii) entre dois advérbios (12b); (iii) entre um quantificador e um SPREP (12c); (iv) entre um advérbio e um SPREP (12d); (v) e entre um verbo e um advérbio comparativo (12e).

Em conclusão, o RS aplica-se à esquerda da cabeça (núcleo) de um sintagma dentro da sua projecção máxima, mas não à sua direita. Por outro lado, as regras de mapeamento que definam o domínio de  $\phi$  baseiam-se no pressuposto de que o domínio de  $\phi$  é igual ao domínio RS.

Desta forma, o ambiente para o RS é à esquerda e não à direita da cabeça, pois o lado esquerdo da cabeça é o lado não recursivo de um sintagma em Italiano.

A partir destas dados, Nespor & Vogel 1986:168 fazem a seguinte generalização: em línguas cujo lado não-recursivo é à esquerda da cabeça, o sintagma fonológico vai estender-se para a sua direita, isto é, se existem regras fonológicas neste domínio fonológico, elas vão aplicar-se entre a cabeça de um sintagma e aquilo que vier antes.

### 3.1.2 - *Sintagma fonológico em Inglês*

Nespor & Vogel (1986: 177) mostraram que o sintagma fonológico é o domínio de aplicação de duas regras fonológicas em Inglês: o reverso jâmbico (Liberman & Prince 1977) e a regra monossilábica (Selkirk 1972). Por questões de extensão, apenas nos deteremos na primeira destas regras.

O reverso jâmbico é uma regra que tem o mesmo efeito que a retracção de acento em Italiano, tal como mostra o exemplo (13) (Liberman & Prince 1977).

- (13) a. thirtéen mén → thírteen mén  
b. Tènnessé aír → Ténnessee aír (ex. de Nespor & Vogel 1986)

Quer em (16a.) quer em (16b.) existe um “choque acentual”, isto é, a primeira palavra termina em sílaba acentuada e a segunda é iniciada por uma sílaba também proeminente. Este “choque acentual” faz operar a regra do reverso jâmbico, fazendo com que o acento da primeira palavra recaia numa sílaba que não a última.

No entanto, esta regra não se aplica em qualquer sequência de duas palavras que contenham um “choque acentual”. Liberman & Prince (1977: 320) defendem que a regra é opcional e que a aceitabilidade de um “choque acentual” depende, em parte, da possibilidade de prolongamento do intervalo interacentual. De acordo com a análise apresentada aqui e a interpretação que Nespor e Vogel fazem, o reverso jâmbico não é opcional em relação ao seu ambiente, é antes uma regra interna de  $\phi$ , como se pode ver em (14) e (15).

- (14) More than fifteen cárpenters are working in the house. (< fifteén)  
(15) John persevéres gládly and diligently. (\*pérseveres) (ex. de Nespor & Vogel 1986)

Em suma, o sintagma fonológico em Inglês tem o mesmo domínio do Italiano, tal como esperado, já que ambas as línguas são recursivas à direita.

### 3.1.3 - *Sintagma fonológico em francês*

Em Francês, o sintagma fonológico apenas pode incluir uma cabeça X, pelo que a reestruturação de  $\phi$  não é uma opção disponível na língua.

Vejam como opera a regra da *liaison*, no francês coloquial. Quando a “liaison” se aplica, a consoante final de primeira palavra deixa a coda dessa sílaba e move-se para a sílaba inicial da segunda palavra – sendo, por isso, uma regra que despoleta ressilabificação, tal como o RS em

Italiano (cf. Nespor & Vogel 1986: 180). A *liaison* é puramente fonológica e aplica-se dentro do domínio do sintagma fonológico, tal como se vê em (16) e (17).

(16) Cette famille a [trois beaux\_enfants]  $\phi$

(17) Les enfants [sont \_allés]  $\phi$  à l'école.

O exemplo (18) mostra que a *liaison* não se aplica entre palavras que pertençam a domínios  $\phi$  diferentes e o (19) mostra que não se aplica entre a cabeça de um sintagma e o 1.º complemento não ramificado no lado recursivo.

(18) Jean a [dês livres]  $\phi$  // [assez nouveaux]  $\phi$

(19) a. [Les maisons]  $\phi$  // [italiennes]  $\phi$  coûtent beaucoup.

b. \*[Les maisons italiennes]  $\phi$  coûtent beaucoup.

Como língua recursiva à direita, seria de esperar que em (19a.) operasse uma reestruturação de  $\phi$ , sendo que o segundo  $\phi$  é não-ramificado, contudo essa reestruturação é agramatical (19b.) uma vez que a língua não permite a junção de duas cabeças lex.

#### 3.1.4 - Sintagma fonológico em português europeu

A formação do sintagma fonológico no PE baseia-se, tal como em todas as línguas recursivas à direita, em “noções sintáticas muito gerais, como cabeça lexical (Lex), projecção máxima de cabeça lexical (Lex<sup>max</sup>) e lado recursivo.” (Frota & Vigário 2003: 1066, seguindo Nespor & Vogel 1986)<sup>6</sup>. Cabeça lexical é um núcleo lexical, e nunca um funcional<sup>7</sup>, de sintagmas sintáticos, nomes e verbos e alguns adjectivos e advérbios podem funcionar como cabeças. Os adjectivos e os advérbios não contam como cabeça lexical se ocorrerem no lado não-recursivo de uma cabeça lex e forem dominados pela projecção máxima dessa cabeça, como *boa* em (20 b.). A projecção máxima da cabeça lexical contém o núcleo de cabeça e todos os elementos que se encontram no lado não-recursivo, dentro da mesma projecção max, embora possa conter maximamente o núcleo de cabeça, todos os elementos que se encontram no lado não-recursivo e o primeiro complemento da cabeça, desde que não ramificado e não proeminente<sup>8</sup>, como *luso* em (20 c.). O lado recursivo de uma língua é definido pela ordem em que cabeças e seus

<sup>6</sup> Segundo Mateus (2004: 19), o sintagma fonológico “constitui um “domínio fraco” no português europeu uma vez que a sua identificação é pouco evidente.”

<sup>7</sup> Neste sentido, as preposições e as conjunções ficam excluídas da possibilidade de desempenharem a função de cabeças de sintagma fonológico.

<sup>8</sup> No dizer de Frota & Vigário (2001:), um constituinte é ramificado quando é “constituído por mais material do que o constituinte fonológico do tipo relevante); e um constituinte proeminente cria acento de foco e torna-se igualmente pesado, impedindo a sua reestruturação e integração no  $\Phi$  imediatamente anterior.

complementos se encontram nas frases, sendo o PE uma língua de ordem cabeça-complemento, i. é., recursiva à direita.

- (20) a. [...N [A]<sub>AP</sub>]<sub>SN</sub> SV  
 b. [O café]  $\phi$  [luso]  $\phi$  contém cevada de boa qualidade.  
 c. [o café luso]  $\phi$  contém...  
 d. [o café]  $\phi$  [LUSO]  $\phi$  contém... (ex.: (16) de Frota & Vigário 2003)

Em termos de proeminências acentuais, o elemento proeminente do  $\phi$  é a  $\omega$  mais à direita. Em (21 a. (i)) as proeminências são *dançarino*, *ama*, e *rusa*, respectivamente em cada  $\phi$  do enunciado. Em (21 b.), são *bailarino*, *sempre*, e *preta*.

- (21) a. ... [V SN]<sub>SV</sub>  
 (i) o dançarino [ama]  $\phi$  [a bailarina rusa]  $\phi$   
 (ii) \*... [ama a bailarina rusa]  $\phi$   
 (22) a. ... [V Sadv SP]<sub>SV</sub>  
 b. o bailarino [anda sempre]  $\phi$  [de limusine preta]  $\phi$  (ex.: (17) de Frota & Vigário 2003)  
 c. a bailarina [anda sempre]  $\phi$  [de limusine preta]  $\phi$

Em (22a.) não se dá a elisão da vogal final de *dançarino*, mas há tendência para a inserção de semivogal [w], *dançarino[w]ama*, dado que se encontram dois elementos proeminentes adjacente. Em (22b.), normalmente, ocorre elisão, *bailarinanda*, fonologicamente encontramos um elemento forte (*bailarino*) e um fraco (*anda*) em adjacência. No entanto, parece-nos possível que essa elisão se dê com mais facilidade em (22c.), dado que a  $\omega_1$  termina com um segmento igual ao que inicia a  $\omega_2$ . O mesmo ocorre em (23), pela mesma razão, ainda que pertençam ao mesmo sintagma fonológico.

- (23) [a bailarina]  $\phi$  [dança aqui]  $\phi$

Parece-nos, então, que não basta verificar-se a relação *w-s*, a natureza do segmento com que a primeira palavra termina tem peso.

O padrão de proeminência não-marcado defini-se pela relação fraco(*w*)-forte (*s*), dentro de cada  $\phi$ . Esta relação de proeminências deve ser vista tendo em conta a estrutura prosódica da frase, havendo possibilidade (num falante não marcado) de elisão de vogal final do primeiro elemento *s*, se estiver em adjunção com outro também ele *s*, ou inserção de semivogal [w], se o segundo por *w*.

- (24) a.  $\overset{s}{[o\ dan\ \underline{a}n\ \underline{c}a\ r\ i\ n\ o]} \phi \overset{s}{[A\ m\ a]} \phi \overset{w}{[a\ b\ a\ i\ l\ a\ r\ i\ n\ a\ R\ U\ s\ s\ a]} \phi$   
 $\underset{s}{[o\ b\ a\ i\ l\ a\ r\ i\ n\ o]} \phi \underset{w}{[A\ n\ d\ a\ S\ E\ M\ p\ r\ e]} \phi \underset{s}{[d\ e\ l\ i\ m\ u\ s\ i\ n\ e\ P\ R\ E\ t\ a]} \phi$  (ex.: (18) de Frota & Vigário 2003)

Em (24a.) não se dá a elisão da vogal final de *dançarino*, mas há tendência para a inserção de semivogal [w], *dançarino[w]ama*, dado que se encontram dois elementos proeminentes adjacente. Em (24b.), normalmente, ocorre elisão, *bailarinanda*, fonologicamente encontramos um elemento forte (*bailarino*) e um fraco (*anda*) em adjacência.

Vejam os outros exemplos que comprovam a importância do sintagma fonológico em questões prosódicas entoacionais, o caso do processo rítmico de reforço da primeira proeminência. Tomemos como exemplos (25 a. e b.), onde se ilustram casos de antagonismo acentual entre palavras<sup>9</sup>.

- (25) a. [o café]  $\phi$  luta pelo prémio do produto mais qualificado  
 b. [o café luso]  $\phi$  contém cevada de boa qualidade

Apenas em (25b.) se aplica o processo de reforço da primeira proeminência, [*caFÉ Luso*]  $\phi$ , traduzindo-se num alongamento dessa sílaba. A razão para o bloqueio deste processo de alongamento na situação descrita em (25 a.) encontra-se no facto de haver fronteira de  $\phi$ , [o café]  $\phi$  [luta]  $\phi$ .

Em suma, pelos dois casos apresentados nesta secção do trabalho se mostra, mais uma vez, a importância da estrutura prosódica de uma língua para questões de entoação.

### 3.2- Sintagma entoacional (I)

“O sintagma entoacional é constituído por um ou mais sintagmas sintácticos e tem um contorno identificável.” (Frota & Vigário 2003: 293) A formulação de regras básicas num I é baseada na noção de que o sintagma entoacional é o domínio de um contorno entoacional e que a fronteira dos sintagmas entoacionais coincide com a posição na qual as pausas podem ser introduzidas numa frase. (Nespor & Vogel 1986: 188)

Um dos primeiros factos que é usual verificar-se em relação aos contornos entoacionais é que certos tipos de construções parecem formar elas próprias domínios entoacionais. São exemplo disso (i) expressões parentéticas (26 a.); (ii) orações relativas não restritivas (26 b.); (iii)

<sup>9</sup> Antagonismo acentual – adjacência entre duas sílabas portadoras de acento de palavra.

question tags (26 c.); (iv) vocativos (26 d.); (v) interjeições ou locuções interjectivas (26 e.); (vi) modificador apositivo do nome (26 f); e (vii) certos elementos movidos (26 g.).

(26)

- a. A Maria [<sub>I</sub> como sabes]<sub>I</sub> é muito inteligente.
- b. O meu irmão [<sub>I</sub> que adora animais]<sub>I</sub> acabou de comprar uma ave exótica rara.
- c. É o cão do Ricardo, não é? [<sub>I</sub>isn't it?]<sub>I</sub>
- d. [<sub>I</sub> Sofia]<sub>I</sub> queria que lesse a página 2 do guião.
- e. [<sub>I</sub> Meu Deus]<sub>I</sub> ninguém sabe a resposta para este problema.
- f. [As gatas]<sub>I</sub> [a preta e a riscadinha]<sub>I</sub> [enrocaram-se diante da lareira]<sub>I</sub> (ex.: Mateus 2005: 293)
- g. Eles são tão lindos [<sub>I</sub>aqueles tigres da Malásia]<sub>I</sub> (ex.: de Nespor & Vogel 1986)

Como podemos constatar, todas estas frases partilham uma propriedade: o facto de representarem cadeias que são, de algum modo, externas à frase-raiz à qual se associam. Para além disso, este tipo de construções, por formarem obrigatoriamente sintagmas entoacionais, independentemente do lugar em que ocorram na frase, leva a que qualquer cadeia adjacente forme um *I* por si só, ainda que noutros contextos isso não acontecesse. Veja-se a este propósito o exemplo (27 b.).

- (27) a. [A Maria]<sub>I</sub> [como sabes]<sub>I</sub> [é muito inteligente]<sub>I</sub>.  
b. [A Maria é]<sub>I</sub> [como sabes]<sub>I</sub> [muito inteligente]<sub>I</sub>.

No entanto, a delimitação dos sintagmas entoacionais faz-se de acordo com critérios específicos. Em primeiro lugar, a existência de pausas surge como um forte indício de fronteira de *I*, não querendo isto dizer que se não existir uma pausa formal, não estejamos perante fronteira de *I*. O segundo critério, e decorrente do anterior, prende-se com as curvas entoacionais, isto é, sempre que há um corte na curva entoacional provocado por uma pausa no discurso, estamos perante fronteira de *I*. Podemos ainda incluir como critério de delimitação de *I*, e, mais uma vez, decorrente dos anteriores, a aplicação ou não de regras segmentais de que é exemplo a realização fonética da fricativa em final de palavra quando seguida de palavra iniciada por vogal, como se pode ver em (28). Se a fricativa se realizar como [z], as duas palavras pertencem ao mesmo sintagma entoacional; se se realizar como [ʃ], entre as duas palavras existe uma fronteira de sintagma entoacional. Pela mesma razão, a fricativa colocada na fronteira de um sintagma entoacional não assimila a sonoridade da consoante seguinte. Finalmente, construções longas tendem a dividir-se, tendo em conta a velocidade do discurso.

- (28) a. [As<sup>z</sup> asas<sup>ʃ</sup>]<sub>I</sub> // [a direita e a esquerda]<sub>I</sub> // [estão danificadas]<sub>I</sub>.  
b. [As<sup>z</sup> asas<sup>z</sup> estão danificadas]<sub>I</sub>.

Para além destes critérios, estão subjacentes à delimitação de um *I* restrições sintácticas e condições sintáctico-fonológicas. Assim, por um lado, sugere-se que os constituintes incluídos num *I* devem manter uma relação de cabeça-complemento (Frota & Vigário 2003: 1071). Para além disso, tendencialmente, os constituintes longos tendem a ser divididos, sendo o constituinte mais longo aquele que fica mais à direita. Não obstante, favorece-se a formação de constituintes de tamanho simétrico. Do ponto de vista sintáctico-fonológico, determina-se que os  $\phi$ s que formam uma mesma frase-raiz, sem elementos externos, são integrados num mesmo *I*, não podendo haver uma divisão de *Is* que viole as condições anteriores. Finalmente, é também dado como critério na literatura sobre fonologia prosódica para delimitação do *I*, a velocidade do discurso, isto é, a variabilidade na divisão de um enunciado em *Is* depende da velocidade da fala, considerando-se que uma velocidade mais rápida não favorece a divisão e uma velocidade mais lenta já a favorece (Frota & Vigário 2003: 1072). Vejam-se as duas frases seguintes, (29a) e (29 b.): a primeira corresponde à fala coloquial e a segunda corresponde a uma fala pausada.

- (29) a. [O tapete encarnado do meu escritório precisa de ser aspirado com cuidado]I  
 b. [O tapete encarnado do meu escritório]I [precisa de ser aspirado com cuidado]I<sup>10</sup>

O facto de se identificarem dois sintagmas entoacionais, como se observa na segunda frase, leva por vezes à introdução, na escrita, de uma vírgula entre o sujeito e o predicado, o que é considerado um erro de pontuação. Essa vírgula corresponde à percepção da existência de um **limite** (ou uma **fronteira**) de sintagma entoacional que divide, do ponto de vista prosódico, os dois sintagmas. No entanto, considerem-se, ainda, os exemplos seguintes, de Frota & Vigário (2003: 1071-2), em que (30 c.) e (30 d.) conduzem a formações agramaticais.

- (30) a. [O nível actual da inflação é um indicador económico positivo]I  
 b. [O nível actual da inflação]I [é um indicador económico positivo]I  
 c. \*[O nível actual]I [da inflação é um indicador económico positivo]I  
 d. \*[O nível actual]I [da inflação]I [é um indicador económico positivo]I

Por outro lado, podemos ter *Is* com extensões diferentes, como ilustram os exemplos (31).

- (31) a. [O nível actual]<sub>I</sub> [segundo dizem]<sub>I</sub> corresponde à infiltração na Europa.  
 b. [O nível actual]<sub>I</sub> [segundo dizem os jornais]<sub>I</sub> corresponde à infiltração na Europa.  
 c. [O nível actual]<sub>I</sub> [segundo dizem os analistas económicos]<sub>I</sub> corresponde à infiltração na Europa. (Ex.: (5) de Frota 2000: 176)

---

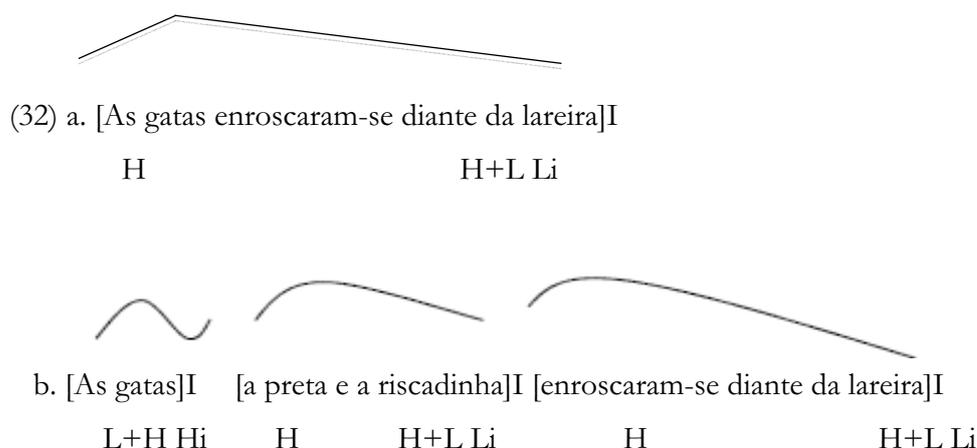
<sup>10</sup> Mateus (2004).

Conclui-se, assim, que um domínio *I* pode consistir em (i) todos os  $\phi$ s numa cadeia que não está ligada estruturalmente à árvore frásica ao nível da estrutura sintáctica, ou (ii) qualquer sequência de  $\phi$ s adjacentes numa frase raiz. Desta forma, um *I* junta numa ramificação *I* n-ária todos os  $\phi$  incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de *I*.

### 3.2.1- Propriedades tonais específicas de *I*

Se um sintagma entoacional denota sempre um contorno entoacional, podemos dizer que a curva de entoação que identifica um sintagma entoacional é constituída por uma sucessão de acentos tonais (que marcam os pontos proeminentes dos sintagmas e podem manifestar-se por tons altos ou baixos, produzindo um contorno específico das alturas do som) e de tons de fronteira (associa-se ao limite de cada uma das margens (direita e esquerda) do sintagma entoacional).

Vejam-se os exemplos seguintes<sup>11</sup>. A linha sobreposta representa o contorno da entoação; o tom alto indica-se com [H] (high) e o baixo com [L] (low); o tom de fronteira está assinalado junto do limite do sintagma entoacional e indica-se com o tom que o termina seguido de [i].



“A distribuição dos tons prende-se com a distribuição das proeminências de intensidade permitindo a identificação de um acento nuclear – na primeira frase, o tom alto (H) mais à direita marca um acento nuclear; na segunda frase o tom alto seguido de baixo (H+L), ou seja, o tom descendente final do último sintagma é igualmente um acento nuclear.”<sup>12</sup>

Como vimos, o sintagma entoacional é um constituinte prosódico caracterizado e delimitado pela sequência de acentos e de tons. Em consequência disso, o sintagma entoacional

<sup>11</sup> Exemplos retirados de Mateus, M. H. 2004. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. Comunicação apresentada no Encontro sobre O Ensino das Línguas e a Linguística. APL e ESE de Setúbal 27 e 28 de Setembro de 2004. Disponível na web em:

<http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2004-mhmateus-prosodia.pdf>. Acedida a 05/07/2010.

<sup>12</sup> idem

situa-se na interface entre a fonologia e outros domínios da língua como a sintaxe e a semântica.

### 3.3 - Enunciado Fonológico

O Enunciado prosódico ou fonológico (U) é o maior constituinte na estrutura prosódica e, para começar, assume-se que U é delimitado pelo início e fim do constituinte sintático  $X^n$ , isto é, “U consiste naqueles Is que são dominados pelo mesmo nó  $X^n$  na árvore sintática”<sup>13</sup> (Nespor & Vogel, 1986). No entanto, uma cadeia de sintagmas entoacionais pode, ou não, ser dominada por um único  $X^n$  ou unidade fonológica, por exemplo, devemos poder agrupar séries de Is em um ou dois Us separados. Vejamos os exemplos seguintes:

- (33) [My cousin]<sub>I</sub> [collects snakes]<sub>I</sub> [Gertrude]<sub>I</sub> [prefers butterflies]<sub>I</sub>  
(34) [[My cousin]<sub>I</sub> collects snakes]<sub>IU</sub> [[Gertrude]<sub>I</sub> [prefers butterflies]]<sub>IU</sub>  
(Nespor e Vogel, 1986: 222).

No entanto, divisões como em (35) já não são possíveis.

- (35) \*[[My cousin]<sub>I</sub> collects snakes]<sub>I</sub> [[Gertrude]]<sub>IU</sub> [prefers butterflies]]<sub>IU</sub>

Assume-se, assim, que o domínio U consiste em todos os Is correspondentes a  $X^n$  na árvore sintática e que a construção de U implica que se junte num U n-ário ramificado todos os Is incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de U.

No que diz respeito à proeminência relativa, tirando os casos de ênfase especial, em que se nota uma determinada proeminência ao nível do U, há razões que levam à atribuição de valores fraco (w) e forte (s) aos vários sintagmas entoacionais de um U. Assim, considera-se que o nó mais à direita dominado por U é forte e todos os outros nós são fracos<sup>14</sup>.

- (36) [<sub>U</sub>[Our next door neighbour]<sub>I<sub>w</sub></sub> [Mr. Jones]<sub>I<sub>w</sub></sub> [bought an ocelot last week]<sub>I<sub>sU</sub></sub>]  
(37) [<sub>U</sub>[Dois biólogos]<sub>I<sub>w</sub></sub> [desconhecidos até ao momento]<sub>I<sub>w</sub></sub> [Fizeram uma descoberta importantíssima]<sub>I<sub>sU</sub></sub>]  
(38) [<sub>U</sub>[Due biologicci]<sub>I<sub>w</sub></sub> [finora sconosciuti]<sub>I<sub>w</sub></sub> [hanno fatto una scoperta importantíssima]<sub>I<sub>sU</sub></sub>]  
(Nespor & Vogel 1986: 223)

<sup>13</sup> No original: “Let us assume for the present discussion that the phonological utterance is delimited by the beginning and end of the syntactic constituent  $X^n$ ” (Nespor & Vogel 1986: 221-222).

<sup>14</sup> Bing (1979: 145), citado por Nespor & Vogel (1986), sugere que enquanto não existe uma acentuação frásica por si só, existe uma entoação de final de frase que ocorre no sintagma entoacional final para indicar que o enunciado acabou. Por outro lado, os elementos finais de um constituinte sintático e em particular no final de uma frase, têm tendência para se prolongarem – isto parece indicar que o último I de um U é o mais forte.

Assume-se, até aqui, que é relevante em fonologia a existência de uma unidade que corresponde ao constituinte X<sup>n</sup> na sintaxe. Vejamos então várias regras fonológicas que operam no domínio U e que provam a validade de tal constituinte.

### 3.3.1 - *Flapping no Inglês Americano*<sup>15</sup>

Condições para a regra do *Flapping*:

- a) aplica-se tanto a /t/ como /d/ alterando-as para /r/ em determinadas circunstâncias;
- b) a regra de aspiração que opera em Inglês em posição de pé inicial ocorre antes da regra de *Flapping*.

(39) Regra do *Flapping* (regra 9 de Nespov & Vogel 1986)

t, d → r / [-consonantal] \_\_\_\_ V  
[-tense]

#### Aplicação e não aplicação da regra:

##### Não aplicação de *Flapping*:

(40) a[t]one  
a[d]ore  
a[t]issue  
I [d]escribe

##### Aplicação de *Flapping*:

(41) a[r]om - atom  
a[r]er - adder  
a[r]issue - at issue  
I' [r]ascribe - I'd ascribe

(Nespor & Vogel 1986: 224)

A regra aplica-se tanto em palavras morfológicas simples como em complexas, como se pode ver em (42):

(42)  
a. water → wa[r]er  
b. rider → ri[r]er  
c. whitish → whi[r]ish  
d. headache → hea[r]ache

(Nespor & Vogel 1986: 225)

Para além destes exemplos intervocálicos, a regra também pode aplicar-se quando o segmento antes de *t* e *d* é uma glide, como em lo[r]er (*loiter*) ou uma líquida ou nasal com articulação não consonantal, como em *hardy* e *winter*.

---

<sup>15</sup> Este fenómeno não se verifica em todas as variantes do Inglês Americano. Existem regionalismos muito específicos que não foram contemplados pelas autoras.

(43a-d) mostram que a regra também pode aplicar-se em qualquer tipo de constituinte, sintáctico ou fonológico, independentemente do seu comprimento, isto é, a regra também se aplica entre palavras numa frase ou, mais precisamente, numa cadeia dominada por  $X^n$ .

- (43) a. a hundredɪ eggs → a hundre[r] egges  
b. the white owl → the whi[r] owl  
c. My brother bought a parrot last week. → ... bough[r]...  
d. Although that was not the first camel he rode, it was most certainly the last one. → ...ro[r] it... (Nespor & Vogel 1986: 225)

O *Flapping* só é bloqueado quando se introduz uma interrupção ou pausa dentro do contexto segmental da regra. No entanto, considera-se que os enunciados são produzidos num ritmo e tempo de enunciação normal.

Os exemplos analisados mostraram que a regra se aplicou desde que o ambiente segmental adequado estivesse presente, isto é, dentro e através de vários constituintes sintácticos e de todos os níveis da hierarquia. Conclui-se, então, que o domínio prosódico do Flapping é o U. Podemos então reescrever a regra como em (44):

- (44) Reformulação da regra do Flapping (regra 13 de Nespor & Vogel 1986)  
 $t, d \rightarrow r / [\dots[-\text{consonantal}] \text{ \_\_\_ } V \dots]_U$   
[-tense]

Esta reformulação pretende mostrar que o Flapping é uma regra que opera através dos constituintes de U. Como tal, dá motivação para uma unidade fonológica pelo menos do tamanho de  $X^n$  na sintaxe.

### 3.3.2 - Fenómeno dos dois *r* em Inglês Britânico

Mais motivação surge deste fenómeno verificável nas variantes do Inglês Britânico em que o [r] final pós-vocálico não é pronunciado.

- LR - “Linking-r” (r de ligação)  
IR - “Intrusive -r” (r intrusivo)

Estes fenómenos determinam a pronúncia de um som *r* em discurso conexo, em posições onde não ocorre quando as palavras envolvidas são produzidas isoladamente.

No LR, o *r* está presente na ortografia – far /fa[r]away

No IR, não existe um *r* na ortografia – Anna/Anna[r] arrived

No entanto, antes de examinar o seu domínio prosódico, é preciso analisar os contextos segmentais e mostrar que podem ser tratados pela mesma regra fonológica.

Assim, a IR encontra-se quando a palavra terminada em [ɔ], [a] ou [ɨ] é seguida de sufixo ou outra palavra começada por vogal:

(45) a. [ɔ]: gnaw vs gnaw[r]ing (Nespor & Vogel 1986: 226)

Por seu turno, o LR encontra-se quando a palavra terminada num *r* ortográfico é seguida de um sufixo ou de outra palavra começada por vogal, tal como ilustrado em (8) onde *r* é um *r* ortográfico não pronunciado.

(46) bear~~r~~ vs bea[r]ish

Para determinar mais precisamente o contexto segmental, vejamos quais as vogais que podem ser seguidas por um *r* ortográfico em posição final. A análise dos exemplos permite constatar que o *r* final pode aparecer depois de 6 vogais e 5 ditongos:

(47)

<p>a.</p> <p>[i] : deer</p> <p>[ɛ] : bear</p> <p>[u] : lure</p> <p>[ɔ] : boar</p> <p>[a] : spar</p> <p>[ɨ] : fir</p>	<p>b.</p> <p>[ei] : layer</p> <p>[ai] : fire</p> <p>[ɔi] : foyer</p> <p>[au] : sour</p> <p>[ou] : mower</p>
--	---

(Nespor & Vogel 1986: 227)

Note-se que não há diferença entre estas palavras e aquelas que têm um [ɨ] silencioso depois de *r* ortográfico como em hair/hare ou bear/bare. Isto significa que só as vogais [ɔ], [a], [ɨ] se podem encontrar em posição de final de palavra em palavras terminadas em *r* ortográfico. Podemos, então, agora definir o ambiente segmental para o *r* de ligação: o LR aparece na posição entre [ɔ], [a], [ɨ] e outra vogal e o mesmo acontece para o fenómeno de IR.

(48)

$$\emptyset \rightarrow r / \left\{ \begin{array}{c} \text{ɔ} \\ \text{a} \\ \text{ɨ} \end{array} \right\} \_ \text{v}$$

Conclui-se, pela análise da regra (48) que, tal como o *Flapping*, o IR aplica-se entre palavras numa cadeia dominada por X<sup>n</sup>, independentemente das relações sintáticas entre as palavras e o comprimento dos constituintes envolvidos. O mesmo se aplica em termos de pausas.

- (49)
- a. fou~~r~~ ostrich feathers → fou[r] ostrich feathers
  - b. neve~~r~~ again → neve[r] again
  - c. I'd love to hear~~r~~ a nightingale sing. → ...hea[r] a...

**Observação:** se aplicarmos a definição básica de enunciado fonológico, conclui-se que a formulação da regra é a seguinte:

(50) inserção -r (regra 21 de Nespør & Vogel 1986)

$$\emptyset \rightarrow r / \left[ \dots \left\{ \begin{array}{c} \mathfrak{D} \\ a \\ \mathfrak{I} \end{array} \right\} \_ v \dots \right]_U$$

Esta formulação mostra que, tal como o Flapping, também o IR é uma regra que abrange todo o enunciado fonológico e que, por isso, se aplica em qualquer parte dentro dele, desde que ocorra um ambiente segmental adequado.

#### 4- Não-isomorfismo entre domínios máximos nas hierarquias sintática e fonológica

**Domínio U corresponde sempre a X<sup>n</sup>?** O domínio de U definido por X<sup>n</sup> normalmente corresponde àquilo que geralmente reconhecemos como “frase”. No entanto, no discurso coloquial encontramos, por diversas vezes, enunciados como “At Five” (às cinco) e “Near by” (por perto). Tal como os exemplos seguintes mostram, quando o ambiente segmental adequado está presente, as várias regras de nível U descritas acima, também se aplicam a estas estruturas curtas. (parafraseado de Nespør & Vogel 1986: 235)

- (53) a. At eight → a[r] eight  
 b. Near~~r~~Athens → Nea[r] Athens  
 c. Los dos → Lo[S<sup>Z</sup>] dos

(Nespør & Vogel 1986: 235)

Porém, há casos em que a regra dada anteriormente não se aplica, devido à existência de determinadas regras fonológicas.

#### 4.1 - Regras fonológicas que operam transfrasicamente

Nespor & Vogel (1986) limitam-se a casos onde  $X^n$  é uma frase (raiz) simples, já que estas são as estruturas  $X^n$  que mais tendencialmente permitirão a aplicação de regras fonológicas para lá dos seus limites.

Kahn (80: 102), na sua discussão sobre o batimento em Inglês americano, diz que a regra pode aplicar-se entre frases em certas ocasiões.

(54) Have a seat. I'll be right back. → ... sea [r] I'll ...

Harris (1969 :60) vai a mais detalhe na sua discussão da aplicação da assimilação de sonoridade no Espanhol Mexicano. Em (56) ele compara as duas enunciações possíveis da sequência de duas frases. || representa silêncio no fim de uma enunciação e ↓ as propriedades fonéticas de queda de entoação.

(55) “Los dos. Dámelos.”

(56) a. Los dos. Dámelos. → [Los<sup>Z</sup> δós<sup>Z</sup> ↓dámelos↓]

b. Los dos. || Dámelos. → [Los<sup>Z</sup> δós ↓dámelos↓]

Como se pode ver, ambas as frases têm os mesmos padrões entoacionais e um contorno de queda no fim; a regra de assimilação de vozeamento aplica-se através de frases, quando não há pausa, o que mostra que o domínio definido por  $X^n$  não é o maior de certas regras fonológicas.

Os pares de frases seguintes, ilustram o batimento, o R de ligação e o R de intrusão, respectivamente transfrasicamente:

(57) a. It's late. I'm leaving.

...la [r] I'm...

b. Where's Esther? I need her.

...Esthe[r] I...

c. Call Anna. It's late.

... Anna [r] It's...

(Nespor & Vogel 1986: 237)

Note-se que a aplicação de regras transfrasicamente não está limitada a uma sequência de apenas duas frases. Em (58), de facto, o R de ligação aparece entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> frases, bem como entre a 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup>.

(58) I hear. I hear. I hear. → ...hea [r] I hea [r] I hear

(Nespor & Vogel 1986: 237)

#### 4.2 - Reestruturação de U

O facto de o batimento normalmente se aplicar entre as duas frases em (59) e não entre as de (60) mostra que não é possível agrupar qualquer sequência de duas frases numa unidade fonológica.

(59) Turn up the heat. I'm freezing. → ...hea [r] I'm...

(60) Turn up the heat. I'm Frances. → \* ...hea [r] I'm...

Para a **reestruturação de U** ser possível, é preciso satisfazer as seguintes duas condições de natureza pragmática:

(61) **a)** as duas frases têm de ser pronunciadas pelo **mesmo falante**.

**b)** as duas frases têm de ser dirigidas ao **mesmo interlocutor**.

Apesar de tudo, já vimos anteriormente que o fenómeno da *Liaison* em Francês serve como contra-exemplo, como se pode ver em (62).

(62) Falante 1: Je cherchais des...

Falante 2: ...[z]allumettes.

Existem, ainda, mais duas condições fonológicas:

(63) **a)** as duas frases têm de ser relativamente **curtas**

**b)** não pode haver **uma pausa** entre as duas frases

(contra-exemplo – *Liaison* em Francês)

(64) Le... [z]enfants

A separação devido à mudança de falantes ou interlocutores, pausa para respirar entre frases longas, ou qualquer outro tipo de pausa, é suficiente para impedir a reestruturação de duas frases num único enunciado fonológico, bloqueando, assim, a aplicação de uma regra fonológica de nível U no ponto em que as frases se encontram.

Na base de uma série de pares de frases submetidos a falantes nativos de Inglês Americano e Inglês Britânico verificou-se que o batimento e inserção - R se pode aplicar transfrásicamente apenas quando **relações sintácticas e/ou semânticas específicas existam entre elas**.

O tipo de relação sintáctica a sustentar as frases que formam uma única unidade fonológica é aquela em que a interpretação do material na frase depende do material na frase

seguinte. Em particular, esta situação surge nos casos de elipse e anáfora em (65) e (66) para batimento e inserção-R respectivamente.

(65) **Elipse**

- a) Martha didn't invite Todd. I did. → ...To[r] I...
- b) I can't help he $\wp$ . Arnold can. → ...he[r] Arnold...

(66) **Anáfora**

- a) Where's Pat? I need him. → ...Pa[r] I...
- b) What a nice sofa! Is it new? → ...sofa[r] Is...

4.2.1. *Relações semânticas que permitem que uma regra de nível U se aplique através das frases*

(67) **And**

- a) You invite Charlotte. I'll invite Joan. → ...Charlo[r] I'll...
- b) Isabelle's a lawyer $\wp$ . I'm a doctor. → ...lawyer[r] I'm...

(68) **Therefore**

- a) It's late. I'm leaving. → ...la[r] I'm...
- b) I'm shorter $\wp$ . I'll go in the back. → ...shorter[r] I'll...

(69) **Because**

- a) Take your coat. It's cold out. → ...coa[r] It's...
- b) Hide the vodka. Alvin's coming. → ...vodka[r] Alvin's...

(Nespor & Vogel 1986: 242)

Note-se que os conectores *or* e *but* têm comportamentos diferentes de *and*, *therefore* e *because* no que se refere à reestruturação U, isto é, *or* e *but* tipicamente não permitem a aplicação de regras de nível-U transfrásicamente.

(70) **Or**

- a) Stop that. I'll leave otherwise. → \*...tha[r] I'll...
- b) Finish your pasta. I'll eat it otherwise. → \*...pasta[r] I'll ...

(71) **But**

- a) It's late. I'm not leaving though. → \*...la[r] I',...
- b) I didn't invite Peter $\wp$ . I should have though. → \*...Pete[r] I...

(Nespor & Vogel 1986: 242-243)

O que estes exemplos mostram é que se duas frases se relacionam pelas noções de *or* (ou) ou *but* (mas) mesmo que existam relações de anáfora ou elipse entre elas, a reestruturação U

tendencialmente é bloqueada, tal como se pode ver pela impossibilidade de aplicação do batimento e da inserção-R entre frases.

Em suma: **regra de reestruturação de U (regra 53 de Nespor & Vogel 1986):**

(72) Us adjacentes podem associar-se num único U quando as condições fonológicas e pragmáticas básicas forem satisfeitas e quando exista uma relação sintáctica (elipse ou anáfora) e/ou uma relação semântica positiva (and, therefore, because) entre os Us em questão.

Em suma, Nespor & Vogel (1986) mostraram que existem certas regras fonológicas que se aplicam não só ao longo do maior constituinte na sintaxe, a cadeia dominada por  $X^n$ , mas também para além de tais constituintes. Assim, o facto de o domínio de aplicação destas regras não poder ser identificado com nenhum constituinte sintáctico torna necessário estabelecer uma unidade prosódica distinta, U, enquanto seu domínio de aplicação. U, tal como os outros constituintes prosódicos abaixo de si na hierarquia, faz uso de noções sintácticas na definição do seu domínio, apesar de o resultado final não ser necessariamente isomórfico como qualquer constituinte sintáctico.

“Não parece uma boa solução relegar as regras fonológicas que operam transfrásicamente para componentes discursivas, ou para um subcomponente da fonologia discursiva da gramática já que as mesmas regras que se aplicam transfrásicamente também se aplicam dentro das frases e até entre palavras.”  
(Nespor & Vogel 1986: 245)

### 5. *Considerações finais*

A aplicação ou não aplicação das regras descritas no ponto 3., em várias línguas, mostram que constituintes sintácticos e constituintes fonológicos não são isomórficos. Desde logo porque não têm os mesmos núcleos de sintagma. Em fonologia, morfemas funcionais não potenciam núcleos, isto é, cabeças, contrariamente ao que pode ocorrer em sintaxe com determinantes, preposições e quantificadores. O domínio de aplicação do redobro sintáctico (Raddoppiamento Sintattico), em italiano, ilustra este não-isomorfismo.

Por outro lado, o não-isomorfismo entre os constituintes sintácticos e os prosódicos é ainda mais claro no caso de sintagmas fonológicos criados por reestruturação. Lembre-se, por exemplo, que pode haver reestruturação de  $\phi$  quando o primeiro complemento da cabeça lexical é não-ramificado. Nos casos em que há reestruturação, passa a existir um só  $\phi$  e continuam a existir dois sintagmas sintácticos.

Para finalizar, os exemplos analisados ao longo do artigo mostram que o mapeamento dos constituintes fonológicos não se faz por referência directamente à sintaxe. O estudo dos aspectos

prosódicos apresenta dificuldades específicas dada a sua variabilidade e a sua dependência do registo de fala e, sobretudo, da velocidade da fala. É evidente, todavia, que os constituintes prosódicos e os factos prosódicos caracterizam uma língua tal como sucede com os aspectos segmentais e, frequentemente, são os que primeiro se apreendem na aquisição da linguagem e no contacto com uma língua desconhecida.

A prosódia organiza o *continuum* sonoro de uma língua em unidades mais vastas que os segmentos, unidades essas que constituem padrões característicos das línguas. Vimos que a sílaba, a palavra prosódica e o sintagma entoacional têm, no português, aspectos específicos que os identificam como unidades prosódicas com função de segmentação da fala.

A teoria abordada traz como positivo o facto de se assumir que existem, acima da sílaba, constituintes fonológicos e que estes são sensíveis à sintaxe, não existindo, no entanto, isomorfismo entre eles. Mostra também, de alguma forma, que a interacção fonologia/semântica/sintaxe/pragmática existe acima da sílaba e da palavra.

Por outro lado, consideramos que a teoria apresenta uma certa circularidade no que diz respeito ao tratamento dos diferentes conceitos e propostas, bem como subjectividade na análise de alguns dados. Salientamos, ainda, o facto de alguns exemplos explorados pelas autoras nos parecerem um pouco forçados e pouco naturais. Para finalizar, pensamos que esta teoria não tem aplicação directa a todas as línguas do mundo, nomeadamente ao português.

## 6. Referências

- Bisol, L. 2001. Os constituintes prosódicos. In: L. Bisol (Ed.) 2001. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª edição. Porto Alegre RS: EDIPUCRS, 229-241.
- Bolinger, D. 1989. *Intonation and its uses*. London: Edward Arnold.
- D’Imperio, M. et al. 2005. Intonational Phrasing in Romance: The role of syntactic and prosodic structure. In: S. Frota et al. (Eds.). *Prosodies. With Special Reference to Iberian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 59-97.
- Frota, S. 2000. *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing.
- Frota, S.; Vigário, M. 2001. Efeito de peso no Português Europeu. In: *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, 315-333.
- Frota, S.; Vigário, M. 2003. Constituintes prosódicos. In Mateus, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho: cap. 26.3.

- Frota, S. 2003. Núcleos e Fronteiras: uma análise fonológica da interrogativa no Português Europeu. In: I. Castro, I. Duarte (Orgs.). *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 327-345. Disponível na Internet em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ZEGrEJ4Yy94J:www.fl.ul.pt/dlgr/mateus/28.ps+frota+e+as+interrogativas&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>. Versão em html do arquivo <http://www.fl.ul.pt/dlgr/mateus/28.ps>, acedido pela última vez em 30.06.2010.
- Frota, S. 2007. The intonational phonology of European Portuguese. In: J. Sun-Ah (Ed.). *Prosodic Typology: the phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, Chapter 2. Disponível na Internet em: [http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/personal/sfrota/selected\\_pub.htm](http://www.fl.ul.pt/LaboratorioFonetica/personal/sfrota/selected_pub.htm), acedido pela última vez em 28.06.2010.
- Gonçalves, C. A. 1999. O Fênomeno da Focalização e a Interface Fonologia-Sintaxe. *DELTA*. **15(2)**.
- Harris, J. 1969. *Spanish Phonology*. Cambridge MA.: The MIT Press. Citado por Nespors & Vogel (1986).
- Hogetop, D. N. 2010. Degeminação em italiano. *Letras de hojev*. **45(1)**: 49-60. Disponível na Internet em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6858/4990>, acedido em 17.06.2010.
- Inkelas, S.; Zec, D. 1995. Syntax-phonology Interface. In: J. A. Goldsmith (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA: Blackwell, 535-549.
- Kahn, D. 1980. *Syllable-structure specifications in Phonological Rules*. Citado por Nespors & Vogel (1986).
- Lieberman, M.; Prince A. 1977. On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*. **8**: 249-336. Citado por Nespors & Vogel (1986).
- Mateus, M. H. *et al.* 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H. M. 2004. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. *O Ensino das Línguas e a Linguística*. Encontro da APL e ESE de Setúbal, 27 e 28 de Setembro de 2004.
- Mateus, M. H. M. *et al.* 2005. *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Napoli, D. J.; Nespors, M. 1979. The syntax of word initial consonant gemination in Italian. *Language*. **55**: 812-841.
- Nespor, M.; Vogel, I. 1989. On clashes and lapses. *Phonology*. **6**: 69-115. Citado por Gonçalves (1999).
- Nespor, M.; Vogel, I. 1986. *Prosodic Phonology. With a new foreword*. Berlin: Mouton de Gruyter. [Edição consultada: 2007].
- Pullum, G.; Zwicky, A. M. 1988. The syntax-phonology interface. In: J. Newmeyer (Ed.). *Linguistics: The Cambridge Survey*. Vol.I. Disponível na Web em: <http://www.stanford.edu/~zwicky/syntax-phonology-interface.pdf>, acessado em 27.06.2010.
- Sandalo, F. (s/d). *Fonologia Prosódica e Teoria da Otimidade: Reflexões sobre a interface sintaxe e fonologia na formação de sintagmas fonológicos*, disponível na Internet em: [http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/sandalo/sandalo\\_01.htm](http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/sandalo/sandalo_01.htm), acessado em 18.05.2010.
- Selkirk, E. 2001. The Syntax-Phonology Interface. In: N.J. Smelser, Paul B. Baltes (Eds.). *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Oxford: Pergamon, 15407-15412. Disponível na Internet em: <http://people.umass.edu/selkirk/pdf/enc%20article%20copy.pdf>, acessado em 27.06.2010.
- Selkirk, E. 1985. Sentence prosody: intonation, stress and phrasing. In: J. A. Goldsmith (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Basil Blackwell, 550-569.
- Selkirk, E. 1984. *Phonology and syntax: the relations between sound and structure*. Cambridge MA: The MIT Press. Citado por Gonçalves (1999).
- Selkirk, E. 1980. *On Prosodic Structure and its Relation to Syntactic Structure*. Bloomington IN: Indiana University Linguistics Club.
- Selkirk, E. 1972. *The Phrase Phonology of English and French*. Ph.D. diss.: MIT. IULC, 1982.
- Truckenbrodt, H. 2006. The syntax-phonology interface. In: *The Cambridge handbook of phonology*. Disponível na Internet em: <http://www.ucalgary.ca/dflynn/files/dflynn/Truckenbrodt07.pdf>, acessado em 27.06.2010.